

MAYERLING

MAYERLING / 1936

um filme de ANATOLE LITVAK

Realização: Anatole Litvak *Argumento:* Joseph Kessel, Irma vin Cube e Marcel Achard (*não creditado*) a partir de *Idyll's End* de Claude Anet (1930) *Fotografia:* Jean Isnard, Armand Thirard *Montagem:* Henri Rust *Som:* William Robert Sivel *Música:* Arthur Honegger *Direção Artística:* Serge Piménoff, Andrej Andrejw, Robert Hubert *Guarda-roupa:* Georges Annenkov *Interpretação:* Charles Boyer (o Arquiduque Rodolphe), Danielle Darrieux (a Baronesa Vetsera), Yolande Laffon (a Arquiduquesa Stéphanie), Suzy Prim (a Condessa Larisch), Gina Manès (Marinka), Odette Talazac (a ama de Marie), Nane Germon (Anna Vetsera), Nine Assia (a prima de Marie), Christiane Ribes (uma rapariga), Gabrielle Dorziat (a Imperatriz Élisabeth), Jean Dax (o Imperador François-Joseph), etc.

Produção: Nero Films (França, 1936) *Produtor:* Seymour Nebenzal *Data de estreia:* 31 de Janeiro de 1936, em França *Estreia comercial em Portugal:* 23 de Março de 1936, no cinema Tivoli *Cópia:* CNC, 35 mm, preto-e-branco, versão original em francês legendada electronicamente em português, 93 minutos *Primeira exibição na Cinemateca:* 11 de Novembro de 2017 (“Double bill”, com *Retour à Mayerling*, de Paul Vecchiali).

Foi *MAYERLING* que o realizador francês Paul Vecchiali, também crítico de cinema, antes disso cinéfilo enamoradamente prematuro, viu aos sete anos. A visão de Danielle Darrieux nesse filme perturbou-lhe a existência – “levou-o para o cinema”, fez de Darrieux o seu culto, alimentado em inúmeros filmes nem que fosse através da imagem da actriz nas paredes dos cenários. Vecchiali contou muitas vezes a história do seu amor por Darrieux. Contou-a na Cinemateca, quando acompanhou a retrospectiva da sua obra em 2016, lembrando como, por um acaso feliz, a filmou de passagem no seu primeiro filme, a longa-metragem entretanto perdida *LES PETITS DRAMES* (1961). Seria uma aparição, Darrieux no papel de Darrieux. A sério, muito a sério, filmou-a em 1983 em *EN HAUT DES MARCHES*. E da filmografia de ambos consta ainda *LE FRONT DANS LE NUAGE* (1989, para televisão, ainda com Annie Girardot e Dora Doll), *LA MARQUISE EST À BICÈTRE* (2003, em que também participam Annie Girardot, Jean-Claude Dreyfus, Jacques Perrin, Marianne Basler), um dos títulos anos 2000 da filmografia de Darrieux. *LE RETOUR À MAYERLING* evoca o nome da moradia em que Vecchiali se instalou no sul de França, quando abandonou Paris, uma *villa* chamada *Mayerling*, que a partir de então se tornou uma personagem do seu cinema, e aqui é o espaço do encontro real e fantasmático de Vecchiali e Edith Scob, que sobem a um céu muito branco, *a matter of life and death*. No primeiro plano, corre ainda o genérico, surge uma moldura no interior da casa com um nome sob um fundo de nuvens – Danielle Darrieux.

Em *MAYERLING*, Darrieux tinha 19 anos (a personagem da Baronesa Marie Vetsera tem 17) e uma filmografia já avançada dada a precocidade da estreia no cinema, aos 13, em *LE BAL* (Wilhelm Thiele, 1931). Era a segunda vez que Anatole Litvak a filmava, tendo ela sido a Antoinette de *THE CRISIS IS OVER* (1932). *MAYERLING*, sabe-se, dar-lhe-ia a celebridade já com ela a caminho de Hollywood – a ela como a Charles Boyer, e como a Anatole Litvak (com quem Max Ophüls trabalhou como assistente em França; e que assinou o seu primeiro contrato em Hollywood depois de *MAYERLING*). Terá sido um filme de assinalável popularidade, que Litvak refilmou em 1957 para a televisão, com Audrey Hepburn e Mel Ferrer; e a que Terence Young voltou em 1968 com Catherine Deneuve e Omar Sharif (e Ava Gardner e James Mason nos papeis imperiais). Nesta versão dos anos 30 que, baseando-se num romance de Claude Anet, *Idyll's End*, romantiza o verídico – e muito debatido – “incidente de Mayerling” que conduziu à morte do arquiduque Rodolfo da Áustria e da sua amante Maria Vetsera, encontrados no pavilhão

imperial de caça dos bosques de Viena em Mayerling em 30 de Janeiro de 1889 – data inscrita em *MAYERLING* –, o arquiduque e a baronesa são Boyer e Darrieux.

É o primeiro encontro cinematográfico dos dois actores que Ophüls filma vinte anos mais tarde no aristocrata par conjugal, mas não amante, de *MADAME DE...*, o terceiro dos filmes em que dirige Darrieux num crescendo que começa com *LA RONDE* e passa por *LE PLAISIR* (1950/52/53). Em *MADAME DE...*, o Ophüls da personagem nunca nomeada que se confunde com a graciosidade trágica de Darrieux, Darrieux dança uma valsa de amor com Vittorio De Sica, a quem noutra sequência, na casa em que vive com Boyer, fecha uma vagarosa porta atrás da qual murmura e suspira e repete não amar. Em *MAYERLING* – “dir-se-ia um nome de conto de fadas”, ouvimos dizer a Marie / Darrieux no Inverno nevado de Mayerling –, é com Charles Boyer que Darrieux valsa, na melhor cena do filme. É a corte em noite de gala, há um baile, no teatro da cena, as mulheres comentam a jovem rapariga que ali debuta e já toda a gente sabe ser amante do arquiduque, menos a família dela, alheia às razões da coscuvilhice velado pelos leques. A dele, com a boa ajuda dos conselheiros de Estado, fez saber-lhe que o caso estava a tornar-se demasiado sério para poder durar e o ultimato é o de que lhe ponha fim, que o patriotismo precede o coração. Ele assente resolver o assunto em poucas horas e diz ao Imperador seu pai que quer vê-la entretanto. O baile é esse momento.

Marie resplandece no seu vestido branco; o cortejo da solene entrada da família imperial no salão de baile não lhe desacelera a respiração e o semblante do arquiduque suaviza quando a olha de relance. Pouco depois, o arquiduque assume o seu par do baile na corte para a valsa de abertura, indo buscá-la. Vem à memória a frase inicial por ele proferida à mãe quando aceita casar em nome dos interesses de Estado e em resposta a um “Ninguém escapa ao seu destino, meu filho” – “Queira Deus que eu nunca encontre um grande amor”. Pois, Deus não quis. O tempo dessa dança no baile, no meio da corte, sela a história de amor e um pacto shakespereano. Nas voltas e rodopios da valsa, sem verbalizar o que lhe propõe e com o espanto todo estampado nos olhos apaixonados de Marie, o arquiduque faz-lhe saber qual é o destino possível para que continuem juntos, pergunta-lhe se quer, e ela diz sim, “Contigo, sim”. Será em Mayerling, um desfecho Romeu e Julieta, com Darrieux adormecida e Boyer a cumprir a promessa que lhe fez de ser ele a escolher “o momento em que partimos”. Dois tiros em *off*. O plano de duas mãos estreitadas.

É evidente que a Litvak interessou fixar-se na possibilidade romântica da história, de enredo histórico e debates vários – foi um suicídio amante ou uma conspiração política que vitimou dois amantes? – cujo desfecho acabou ligado ao deflagrar da Primeira Guerra Mundial – com a morte em Sarajevo de Francisco José, que sucedeu a Rudolfo, Príncipe herdeiro da Áustria. A questão política não desaparece de *MAYERLING*, que aliás começa com manifestações populares, na rua, e o desagrado de Suas Excelecências, dentro de portas, mas o romance leva a melhor, a história de amor dos protagonistas encontra nos actores toda a luz de que precisa. E *MAYERLING* é o filme da juventude de Darrieux e Boyer, na exuberância ligeira e sofisticada de Litvak que toma o ritmo musical – e a própria música – como toma o movimento como elementos estruturantes. Os movimentos de câmara, os *travellings* e as panorâmicas são de uma elegância que também por isso não deixa de lembrar – às arrecuas – Ophüls e *MADAME DE...*, o filme em que Darrieux e Boyer perderam a inocência embora não a compostura.

A “mais célebre ingénua do cinema francês” chamaram a Darrieux, que aqui, sim, interpreta uma personagem com um máximo de ingenuidade e convicção amorosa – o que justamente desarma o objecto do seu amor e o faz sentir reciprocamente. Há muitos belos grandes planos de Danielle Darrieux, mas há pelo menos dois belíssimos grandes planos de Boyer, na sua encarnação de Romeu.

Maria João Madeira